

“Para os fãs de *A Rainha Vermelha* e de Sansa Stark, de *Game of Thrones*.” – *Bustle*



PRINCESA
DAS
CINZAS

LAURA SEBASTIAN

Título original: *Ash Princess*

Copyright © 2018 por Laura Sebastian

Copyright da tradução © 2018 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Raquel Zampil

preparo de originais: Natália Klussman

revisão: Luis Américo Costa e Suelen Lopes

diagramação: Valéria Teixeira

capa: Billelis

adaptação de capa: Ana Paula Daudt e Gustavo Cardozo

mapas: Isaac Stewart

foto da autora: © Dan Wright Photography

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S449p

Sebastian, Laura

Princesa das cinzas [recurso eletrônico]/ Laura Sebastian; tradução de Raquel Zampil. São Paulo: Arqueiro, 2018.

recurso digital (Princesa das cinzas; 1)

Tradução de: Ash princess

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-894-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Zampil, Raquel. II. Título. III. Série.

18-51861

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

Copyrighted image



Copyrighted image

Copyrighted image

Copyrighted image

Copyrighted image

PRÓLOGO



A ÚLTIMA PESSOA QUE ME CHAMOU PELO meu verdadeiro nome foi minha mãe, em seu derradeiro sopro de vida. Aos 6 anos, minha mão ainda era pequena o bastante para ser completamente coberta pela dela. Minha mãe a apertou forte, e doeu tanto que eu mal notei qualquer outra coisa. Foi tão forte que quase não percebi a prata da faca pressionada em sua garganta ou o medo em seus olhos.

– Você sabe quem você é – disse-me ela. Sua voz não vacilou, mesmo quando gotas de sangue brotaram onde a lâmina cortou sua pele. – Você é a única esperança do nosso povo, Theodosia.

E então cortaram-lhe a garganta e tomaram meu nome.

THORA

— T_{HORA!}

Eu me viro e vejo Crescentia vindo em disparada na minha direção pelo corredor dourado do palácio, as saias de seda cor-de-rosa erguidas enquanto corre e um sorriso largo no rosto lindo.

Suas duas criadas esforçam-se para acompanhá-la, os corpos definhados desaparecendo debaixo dos vestidos simplórios.

Não olhe no rosto delas, não olhe, digo a mim mesma. Nada de bom aconteceu ao olhar, ao ver seus olhos sem brilho e as bocas famintas. Nada de bom aconteceu ao ver quanto elas se parecem comigo, a pele morena e os cabelos escuros. Isso só faz a voz em minha cabeça ficar mais alta. E, quando a voz fica alta o suficiente para passar por entre meus lábios, o kaiser fica furioso.

Não vou enfurecer o kaiser e ele me manterá viva. Essa é a regra que aprendi a seguir.

Eu me concentro em minha amiga. Cress torna tudo mais fácil. Ela usa a felicidade como se fossem raios do sol, irradiando-a para aquecer aqueles a sua volta. Sabe que preciso dela mais do que a maioria, por isso não hesita em alinhar os passos com os meus e andar de braços dados bem apertados.

É espontânea com seu afeto de uma forma que somente algumas poucas pessoas abençoadas conseguem ser; ela nunca amou alguém e o perdeu. Sua beleza infantil e natural a acompanhará até que ela envelheça; traços delicados e grandes olhos cristalinos que nunca

viram qualquer horror. Cabelos louros-claros pendem em uma longa trança sobre o ombro, cravejada com dezenas de Pedras do Espírito que reluzem ao sol que atravessa os vitrais das janelas.

Tampouco posso olhar as pedras, mas mesmo assim posso senti-las: um leve puxão sob a pele, me atraindo na direção delas, me oferecendo seu poder se eu quiser pegar. Mas não farei isso. *Não posso.*

Pedras do Espírito eram sagradas antes que Astrea fosse tomada pelos kalovaxianos.

As pedras preciosas vinham das cavernas que se estendiam sob os quatro principais templos – um para cada um dos quatro grandes deuses e deusas: do fogo, do ar, da água e da terra. As cavernas eram o centro de seus poderes, tão impregnadas do sobrenatural que as pedras em seu interior investiam-se de uma magia própria. Antes do cerco, os devotos passavam anos na caverna do deus ou da deusa a quem juraram lealdade. Lá dentro, eles adoravam a deidade e, se fossem dignos, seriam abençoados, imbuídos com o poder de seu deus ou deusa. Então usavam seus dons para servir a Astrea e seu povo como Guardiões.

Naquela época não havia muitos que não fossem escolhidos pelos deuses – um punhado por ano, talvez. Esses poucos enlouqueciam e morriam não muito depois. Era um risco que apenas os verdadeiramente devotos corriam. Ser Guardião era uma vocação – uma honra –, ainda assim todos compreendiam o que estava em risco.

Isso foi uma vida atrás. *Antes.*

Após o cerco, o kaiser ordenou a destruição dos templos e mandou dezenas de milhares de astreanos escravizados garimpar pedras preciosas nas cavernas. Viver tão perto do poder dos deuses não é mais uma escolha que as pessoas fazem, mas uma que é feita para elas. Não há mais um chamado ou juramento de fidelidade e, por isso, a maioria dos que são enviados para as minas logo enlouquecem e, pouco tempo depois, morrem.

E tudo isso para que os ricos possam pagar uma fortuna para se cobrirem de pedras preciosas sem nem sequer proferir os nomes dos deuses. É sacrilégio para nós, mas não para os kalovaxianos. Eles não acreditam. E, sem a bênção dos deuses – sem o tempo passado nas profundezas da terra –, eles têm acesso apenas a uma sombra do poder de um verdadeiro Guardião, independentemente da quantidade de pedras preciosas que usem, que no geral é bastante. As Pedras da Água na trança de Cress poderiam dar a um Guardião treinado o poder de engendrar uma ilusão tão forte a ponto de criar um rosto inteiramente novo, mas, para Cress, elas só emprestam luminosidade à pele, rubor aos lábios e faces, brilho aos cabelos dourados.

Pedras da Beleza, é como os kalovaxianos as chamam agora.

– Meu pai me enviou um livro de poemas de Lyria – conta ela. Sua voz se torna tensa, como sempre acontece quando fala comigo do pai, o theyn. – Devíamos levá-lo para o pavilhão e traduzi-lo. Aproveitar o sol enquanto ainda o temos.

– Mas você não fala lyriano – digo, franzindo a testa.

Cress tem um talento para línguas e literatura, duas coisas para as quais seu pai nunca teve paciência. Como melhor guerreiro do kaiser e chefe de seu exército, o theyn entende de batalha e armamento, estratégia e carnificina, não de livros e poesia, mas ele tenta por causa dela. A mãe de Cress morreu quando ela era ainda bebê, assim o theyn é toda a família que lhe resta.

– Entendi algumas expressões aqui e ali – declara ela, agitando a mão no ar, fazendo pouco caso. – Mas meu pai mandou que o poeta traduzisse uma parte, então posso decifrar o restante. Você sabe como meu pai gosta de enigmas.

Ela me olha de lado para ver minha reação, mas tomo cuidado para não deixar transparecer nada.

Faço o possível para não imaginar o pai de Cress pressionando seu punhal contra o pescoço de um pobre poeta magricela debruçado sobre seu trabalho, ou a maneira como ele levou o mesmo punhal ao

pescoço de minha mãe há tanto tempo. Não penso no medo nos olhos dela. A mão dela na minha. Sua voz, forte e clara mesmo naquele momento.

Não, eu não penso nisso. Vou enlouquecer, se pensar.

– Bem, vamos decifrá-los bem rápido, nós duas juntas – digo-lhe com um sorriso, esperando que ela acredite.

Não pela primeira vez, me pergunto o que aconteceria se eu não reprimisse um tremor quando ela menciona o pai. Se eu não sorrisse e fingisse que ele não é o mesmo homem que matou minha mãe. Gosto de acreditar que Cress e eu somos amigas há tempo suficiente para que ela compreendesse, mas esse tipo de confiança é um luxo que não tenho.

– Talvez Dagmær esteja lá – diz Crescentia, baixando a voz a um sussurro conspiratório. – Você perdeu a... ousada escolha de trajes dela no almoço da condessa ontem. – Os olhos dela cintilam com um sorriso.

Não me importo. O pensamento vem repentino e afiado como uma picada de abelha. *Não me importo se Dagmær foi ao almoço nua. Não me importo com nada disso.* Empurro o pensamento bem para o fundo e o enterro, como sempre faço. Pensamentos como esse não pertencem a Thora; pertencem à voz. Em geral são somente sussurros, fáceis de ignorar, mas às vezes se tornam mais altos e se derramam em minha voz. É aí que me vejo encrencada.

Eu me ancoro em Cress, em sua mente tranquila, em seus prazeres simples.

– Duvido que alguma coisa possa superar as penas de avestruz com que ela se cobriu mês passado – sussurro de volta, fazendo-a rir.

– Ah, foi bem pior dessa vez. O vestido dela era de renda preta. Dava praticamente para ver a roupa íntima... ou a falta dela!

– Não! – grito, fingindo estar escandalizada.

– Sim! Dizem que ela está querendo seduzir o duque Clarence – afirma Cress. – Embora a razão eu não possa imaginar. Ele tem idade para ser pai dela e cheira a carne podre. – Ela franze o nariz.

– Se pensarmos nas dívidas do pai dela... – digo, reticente, arqueando a sobrancelha.

Os olhos de Crescentia se arregalam.

– Verdade? Onde você ouviu isso? – arqueja.

Quando me limito a sorrir em resposta, ela suspira e me dá uma cotovelada de leve na lateral do corpo.

– Você sempre sabe as melhores fofocas, Thora.

– Isso é porque eu ouço as pessoas – digo com uma piscadela.

Não conto a ela o que estou tentando ouvir de fato, que filtro cada boato enfadonho em busca de sussurros sobre a resistência astreana, de qualquer esperança de que alguém ainda esteja lá fora e algum dia possa vir me resgatar.

Nos anos que se seguiram ao cerco, corriam sempre histórias sobre astreanos rebeldes lutando contra o kaiser. Uma vez por semana, eu era arrastada até a praça principal para ser açoitada por um dos homens do kaiser a fim de servir como exemplo enquanto cabeças de rebeldes mortos em batalha apodreciam em estacas atrás de mim. Eu conhecia a maior parte daqueles rostos: Guardiões que haviam servido minha mãe, homens e mulheres que tinham me dado doces e me contado histórias quando eu era pequena. Eu odiava aqueles dias e na maior parte do tempo odiava os rebeldes, porque parecia que eram *eles* que estavam me machucando ao incorrer na ira do kaiser.

Agora, porém, praticamente todos os rebeldes estão mortos e restam apenas sussurros de rebelião, comentários fugazes sobre rumores, quando os cortesãos esgotam os assuntos e se veem sem mais nada para falar. Faz anos que o último rebelde foi apanhado. Eu não sinto falta daquelas punições, sempre mais violentas e públicas que quaisquer outras, mas sinto falta da esperança à qual me agarrava, a sensação de que eu não estava sozinha no mundo, de que um dia – talvez – meu povo venceria e poria fim a meu sofrimento.

A nossas costas passos soam cada vez mais alto, pesados demais para pertencer às escravas de Cress.

– Lady Crescentia, lady Thora – chama uma voz masculina.

A mão de Cress aperta mais meu braço e sua respiração fica em suspenso.

– Vossa Alteza – diz Cress, virando-se e abaixando-se em uma medida, e puxando-me com ela.

O título faz meu coração disparar, embora eu saiba que não se trata do kaiser. Eu reconheceria sua voz em qualquer lugar. Ainda assim, não relaxo por completo até me erguer da medida e confirmar que estou certa.

O estranho tem o mesmo cabelo louro cor de trigo, os mesmos olhos azuis frios, o mesmo maxilar quadrado do kaiser, mas o homem à minha frente é muito mais jovem, talvez um ano mais velho que eu.

Prinz Søren, me dou conta, surpresa. Ninguém falou de seu retorno à corte, o que é surpreendente, pois os kalovaxianos são muito mais apaixonados por seu prinz do que pelo kaiser.

A última vez que o vi foi quase cinco anos atrás, quando ele era um garoto de 12 anos magricela, bochechudo e com uma espada de madeira sempre na mão. O homem diante de mim não é mais magricela e suas bochechas perderam as curvas infantis. Na bainha presa em sua cintura ainda há uma espada, mas não é mais de madeira. Trata-se de uma lâmina de ferro forjado cheia de marcas de uso, o punho reluzindo com Pedras do Espírito, dessa vez usadas em busca de força.

Quando criança, vi Guardiões da Terra fortes o bastante para arrastar rochas com o triplo de seu peso como se fossem ar, mas duvido que as Pedras do Espírito do prinz façam muito mais do que acrescentar um peso extra para emprestar força aos golpes dele. Não que isso tenha alguma importância. Durante os cinco anos de treinamento de Søren com o theyn, aquela espada fez verter mais do que sua justa parcela de sangue. Na corte ouvem-se sempre os sussurros sobre as proezas do prinz em batalha. Dizem que ele é um prodígio, mesmo para os padrões kalovaxianos. O kaiser gosta de

tratar o prinz como uma extensão de si mesmo, mas as façanhas do prinz Søren só servem para ressaltar as fraquezas do kaiser. Desde que tomou o trono, o kaiser tornou-se preguiçoso e acomodado, mais interessado em promover banquetes e bebedeiras do que em tomar parte nas batalhas.

Eu me pergunto o que o prinz está fazendo aqui depois de tantos anos, embora eu suponha que seu aprendizado com o theyn tenha chegado ao fim. Agora ele é oficialmente um adulto e eu só posso deduzir que em breve estará liderando os próprios exércitos.

Ele se curva ligeiramente e leva as mãos às costas. Sua expressão plácida não muda; parece esculpida em mármore.

– É bom rever vocês duas. Espero que estejam bem.

Não se trata de uma pergunta, na verdade, mas ainda assim Cress responde com um sim alvoroçado, prendendo um fio de cabelo atrás da orelha e alisando as dobras da saia, mal conseguindo fitá-lo nos olhos. Ela se derrete por ele desde que éramos crianças, assim como todas as outras garotas de nossa idade que cresceram se imaginando prinzezin. Para Cress, porém, essa nunca foi uma fantasia sem fundamento. Astrea é apenas um dos territórios que seu pai conquistou para o kaiser. Dizem que o pai dela tomou mais reinos que qualquer outro chefe militar, e ninguém pode negar que a ascensão de sua filha a prinzezin seria uma recompensa justa a tamanha lealdade. Desde que Cress alcançou a maioridade seis meses atrás, os boatos sobre o casal cresceram e se tornaram ensurdecedores na corte.

Seria essa outra razão para o retorno dele?

Se esses rumores alcançaram Søren, onde quer que ele tenha estado, ele não demonstra. Seus olhos deslizam por Cress como se ela fosse nada além de ar e luz, pousando, porém, em mim. Sua testa se franze, da mesma forma que a de seu pai quando olha para mim, embora, pelo menos no caso dele, o olhar não venha seguido de um sorriso presunçoso ou malicioso.

– Fico feliz em saber – diz ele a Cress, de maneira fria, rápida e clara, embora seus olhos continuem nos meus. – Meu pai está requisitando a sua presença, lady Thora.

O medo envolve meu estômago como uma serpente faminta, apertando, apertando até que não consigo mais respirar. O impulso de correr cresce em mim e luto para manter minhas pernas imóveis.

Eu não fiz nada. Tenho tomado muito cuidado. Mas, por outro lado, não preciso fazer alguma coisa para ser alvo da ira do kaiser. Sempre que há uma suspeita de rebelião nas dependências dos escravos ou um pirata astreano afunda um navio kalovaxiano, eu pago o preço. A última vez que ele me convocou, mal faz uma semana, foi para que me chicoteassem em represália a um motim nas minas.

– Bem – minha voz treme a despeito de meus esforços para mantê-la firme –, não devemos deixá-lo esperando.

Por um breve momento, parece que o prinz Søren vai dizer alguma coisa, mas, em vez disso, ele comprime os lábios e me oferece o braço.

TRAIADOR



O TRONO DE OBSIDIANA ERGUE-SE EM UM estrado no centro do salão, um espaço circular de teto abobadado. O assento imenso e pesado foi esculpido em pedra negra sólida, no formato de chamas que parecem lamber quem se senta nele. É simples, quase feio, em meio ao ouro e à grandeza que o circundam, mas sem dúvidas é imponente, e é isso que importa.

Os kalovaxianos acreditam que o trono foi tirado dos vulcões da Antiga Kalovaxia e deixado aqui em Astrea para eles por seus deuses, como garantia de que um dia viriam e salvariam o país de suas rainhas fracas e voluntariosas.

Eu me lembro de uma história diferente, sobre o deus do fogo astreano, Houzzah, que amava tanto uma mulher mortal que lhe deu um país e um herdeiro com seu sangue. Essa história é sussurrada agora em minha mente por uma voz familiar e cadenciada, mas que, como uma estrela distante para a qual você tenta olhar, desaparece rapidamente se tento me concentrar nela. É melhor deixá-la esquecida, de qualquer forma. É mais seguro viver apenas no presente, ser uma garota sem qualquer passado por que ansiar e qualquer futuro para lhe arrancarem.

A multidão densa de cortesãos, usando suas roupas mais finas, abre-se com facilidade para o prinz Søren e para mim enquanto seguimos em direção ao kaiser. Como Cress, os cortesãos usam as Pedras da Água azuis em busca da beleza e as Pedras do Ar

transparentes em busca da graça – tantas que olhar para eles quase cega. Há outras – Pedras do Fogo vermelhas para o calor, Pedras da Terra amarelo-douradas para a força.

Examino o salão. Em meio a um mar de pálidos e louros kalovaxianos, Ion se destaca em seu lugar ao lado do trono. Ele é o único outro astreano que não está acorrentado, mas não é exatamente uma visão agradável. Após o cerco, ele se entregou ao kaiser e implorou por sua vida, oferecendo seus serviços como Guardião Aéreo. Agora o kaiser o mantém por perto para usá-lo como espião na capital e como curandeiro para a família real. E para mim. Afinal, não é tão divertido me espancar se eu desmaiar por causa da dor. Ion, que uma vez jurou servir a nossos deuses e à minha mãe, usa seu dom para me curar apenas para que os homens do kaiser possam me atacar de novo e de novo e de novo.

Sua presença é uma ameaça tácita. Ele raramente tem permissão para participar de recepções da corte; em geral, só aparece durante minhas punições.

Se o kaiser pretendesse me espancar, ia querer fazê-lo em um lugar mais público. No entanto, ele não descartou essa possibilidade – motivo pelo qual Ion se encontra aqui.

O kaiser dirige um olhar incisivo para Søren, que solta meu braço e se mistura à multidão, me deixando sozinha sob o peso do olhar de seu pai. Sinto-me tentada a me agarrar a ele, a qualquer um, para não ter que ficar sozinha.

Mas eu estou sempre sozinha. A essa altura, já deveria estar acostumada, embora não creia que esse seja o tipo de coisa com que uma pessoa se acostume.

O kaiser se inclina para a frente no trono, os olhos gélidos brilhando à luz do sol que penetra pelos vitrais do telhado. Ele me olha do jeito que faria com um inseto esmagado que sujasse a sola de seu sapato.

Eu, por minha vez, olho para o estrado, para as chamas ali esculpidas. Não enfurecer o kaiser é o que me mantém viva. Ele

poderia ter me matado mil vezes na última década e não fez isso. Não é uma benevolência?

– Aí está você, *Princesa das Cinzas*. – Para qualquer outra pessoa, a saudação pode parecer agradável, mas eu me encolho.

Com o kaiser, há sempre um truque, um jogo em questão, uma linha na qual se equilibrar. Eu sei por experiência própria que, se ele está brincando com a generosidade nesse momento, a crueldade não pode estar muito longe.

De pé à sua direita, com as mãos cruzadas à frente do corpo e a cabeça baixa, sua esposa, a kaiserin Anke, deixa os olhos leitosos de cílios louros e escassos encontrarem os meus. Um aviso que faz a serpente apertar ainda mais minha barriga.

– Solicitou minha presença, Vossa Alteza? – pergunto, fazendo uma reverência tão inclinada que quase me deito no chão.

Mesmo após uma década, meus ossos ainda protestam contra aquela postura. Meu corpo se lembra – mesmo quando o restante de mim esquece – que não fui feita para reverenciar.

Antes que o kaiser possa responder, um grito gutural estilhaça o ar. Quando me ergo, percebo um homem parado à esquerda do trono, mantido no lugar por dois guardas, um de cada lado. Correntes enferrujadas envolvem as pernas magras, os braços e o pescoço, apertando tanto que cortam sua pele. As roupas que ele usa estão esfarrapadas e ensanguentadas e o rosto é uma massa de ossos quebrados e pele rasgada. Sob o sangue, pode-se ver claramente que ele é astreano, com a pele morena, os cabelos pretos e os olhos profundos. Parece bem mais velho que eu, embora seja impossível dizer exatamente quantos anos tem com todo o estrago que lhe foi feito.

Não o conheço. Mas seus olhos escuros buscam os meus como se ele me conhecesse, implorando, pedindo, e eu vasculho minhas lembranças – quem pode ser esse homem e o que ele quer de mim? Não tenho nada para ele. Não me resta nada para ninguém.

Então o mundo se desloca sob meus pés.